

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JOÃO PREZADO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - João Prezado (JP)

Entrevistadores - Lisabel Espellet Klein (LK), Eduardo Vilela Thielen (ET) e João Carlos Pinto Dias (JD)

Data - 29/08/1990

Local - Belo Horizonte/MG

Duração – 30min

Transcrição - Nathacha R. B. Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PREZADO, João. *João Prezado. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 14p.

Data: 29/08/1990

Fita 1 – Lado A

JP - O Serviço Nacional de Malária funcionava na rua Mendes Souza, em São Cristóvão.

LK - Mas o Rostan [Soares] fica lá, não é?

JP - O Rostan não veio.

LK - Algumas pessoas não quiseram vir.

JP - Mas o Rostan era do IOC, sempre foi do Instituto Oswaldo Cruz.

LK - Ele me disse que era do Instituto de Malária.

JP - Não, ele sempre foi do Instituto Oswaldo Cruz.

LK - Eu tava meio insistindo com ele porque ele me falou que era do INERu.

JD - Não, o Rostan, pelo que ele me disse, o trabalho de campo que ele desenvolveu foi junto com o pessoal da malária, mas foi ligado ao IOC.

JP - Ele foi do IOC, sempre foi do IOC, mas muitos anos.

LK - Ele disse que ele entra pelo Instituto de Malária, pelo Serviço Nacional, depois ele vai pro Instituto e ele vai pro IOC, ele paralelamente faz, e aí logo depois ele fica no IOC.

JP - Ele continua trabalhando?

LK - Continua, ele tá esperando o regime, tá pensando em se aposentar.

JP - Mas, durante a Cidade das Meninas, puxa, ia um mundo de pesquisadores do Instituto, do IOC, do Instituto Oswaldo Cruz, permaneciam lá, fazendo trabalhos, aí e tal na Cidade das Meninas.

LK - Eu queria saber mais no meu caso, eu vou voltar ao assunto da Biblioteca. Ela depois que o senhor sai ...

JP - Eu entrei muito determinado na biblioteca, porque era uma senhora biblioteca, o acervo da biblioteca...

LK - Pois é, o acervo, ele é distribuído, ele é, o que que acontece com ele?

JP - Pois é, eu não sei.

JD - Olha, eu fiz isso hoje, mas acho que é importante é ver em que momento que foi desativada essa, foi no período da ditadura, não é? Quando muda a direção do Centro, e que um centro de pesquisas como esse, com uma biblioteca muito boa, tomou-se (...) a verdade é essa.

JP - Eu lamentei, eu lamentei. A Berta ficou pouco tempo na biblioteca,

JD -

JP - Não aí tem cópia minha guardada...

LK - A documentação tá aí?

JP - Tá aí, guardada.

LK - Ela fica aí?

JP - É, com Índia, com, enfim, América do Sul, América do Norte, América Central, né, nós fazíamos trocas...

JD - Tem coisas preciosas, trabalhos...

LK - Alguma coisa fica, ela não é dispersa, por exemplo, ninguém manda embora, não encosta o caminhão e leva prá outros ...

JD - Foi em caráter, como fonte de pesquisa... (Conversa paralela)

JP - Poxa vida, olha eu e Dona Maria e a Vera, depois a Berta, só que depois que a Berta chegou, ficou pouco tempo e pediu transferência prá universidade. Aí arrasou tudo e eu já não queria saber de nada, eu fiquei chateado com o negócio. Tudo bem, mas que era uma senhora biblioteca e os assuntos de parasitologia, de zoologia e de botânica era muito bom, tinha gente que ia lá consultar e ficava...

LK - Em 72 o senhor volta prá biblioteca?

JP - Quando eu voltei da Engenharia Sanitária não quis

LK - Mas a biblioteca já ainda estava funcionando

JP - Tava funcionando, eu sei que eu fiquei muitos anos, e o Roberto como chefe também; ele foi um dos que consultava quase todos os anos, e não foi só ele não, (Wladimir) Lobato, (José) Pellegrino, o (Ernest) Paulini, fazia um levantamento das assinaturas de revistas. A Kosmos, por exemplo, a livraria Kosmos no Rio de Janeiro, eu sou muito conhecido na, bom agora, eles não lembram, mas eu era muito conhecido do pessoal deles lá, eu fazia as

compras, eu mesmo encomendava as assinaturas e eu mesmo também ia lá comprar os livros, depois eu vim prá cá e entramos em contato; eles vinham aqui e eu também ia até lá, quer dizer, você entendeu? Todo ano, ia todos os anos, fazer a fazer as assinaturas, mas era muita assinatura, 30, 70, ...

LK - Eu queria mais uma coisa... veja se o senhor lembra. Primeiro é o René Rachou, diretor do Centro; depois é o Marcelo Vasconcelos? Quem vem depois?

JP - É, com o Roberto?

LK - No período do Roberto.

JP - Tem, um deles foi duas vezes, Marcelo foi duas vezes, (pausa) ouviu o Lobato que fez menção na palestra dele, a respeito da livraria Kosmos. Eu fazia nossas assinaturas através da Kosmos, porque era uma organização ultraconhecida no mundo inteiro, e aí fazíamos nós três; e era mais fácil, mais rápido.

JD - E isso vem depois do Milward, né, ou junto com...

JP - Isso lá no Rio de Janeiro, né, e aqui também nós....

JD - Com Roberto Milward, foi junto com Roberto Milward. Uma coisa (...) a instabilidade institucional. Como uma pequena administração do Milward também tentou organizar a (...)

LK - Que é o segundo período do Roberto.

JD - Não sei, é o segundo, justo, esse finalzinho, daí eu peguei, 74.

LK - É, que é 74. No final dele, porque a biblioteca em 72 ela tá funcionando,

JP - É, eu fui embora...

LK - Aí o senhor volta.

JP - Eu deixei...

LK - Aí o senhor pegou 73, que ela ainda existe.... (Início de barulho incessante)

JD - E ela foi de uma certa forma, desmobilizada, ...

JP - Foi lentamente, depois Manguinhos saiu. Foi prá, foi redistribuída porque houve aquele problema, em 75

JD - É gozado, mas muita coisa dessa biblioteca que deveria estar aí e não está, aonde está?

LK - Pois é, essa é a minha questão (risos), algum caminhão encostou na porta? Porque tem história, em alguns lugares.

JP - Aonde está?

JD - Tem pouco tempo que está desse tamanhinho, quer dizer, com pouco tempo ela ficou desse tamanhinho, quer dizer...

JP - Alguns desses livros tá na mão desse pessoal. Porque na época que eu...

JD - Tem dicionário aqui, (...) clássico, esse dicionário clássico, aí, pai dos burros.

LK - Ah, o Aurélio?

JD - Aurélio.

JP - Olha, eu me lembro....

JD - Acho que uma grande, função desse levantamento é que se identificasse esses livros, com o momento em que eles sumiram, em 72, eu estava aqui, quer dizer, estava a biblioteca formada. Hoje surgiu um livro na biblioteca, eu levo na minha sala e tranquilamente tiro xerox ou devolvo depois.

LK - Não tem nenhum controle, ninguém fica com...?

JD - Não tem nenhuma pessoa.

JP - Na época em que eu estive, até hoje, isso eu me lembro, que até a data em que eu fiquei na biblioteca, tinha só sete livros afastados da biblioteca, mas estavam todos com nome. Inclusive o pessoal da universidade estava com eles, tinha sete livros só, que estavam fora da biblioteca, que permaneceu por muito tempo, e toda vez que eu cobrava pessoalmente ou por carta, sempre tinha...

LK - Uma desculpa.

JD - Agora não tá claro prá mim o que significa esse período: se ele foi um período de organizar a casa ou se foi um período de tumultuar a casa, os que não estavam no poder, se organizaram, se associaram prá derrubar, prá retomar o caminho normal do Centro, o caminho (...) não sei se...

JP - Eu não me (...)

JD - Não sei o que esta gestão significou, se foi desagregar, ou se foi, tentativa de reorganização.

(Sobreposição de falas)

JP - Essa biblioteca foi dilacerada, depois que o Roberto saiu. Eu acho que a biblioteca se dizimou depois que o Roberto saiu.

JD - Como é que foi a entrada do Roberto aqui dentro e da gestão dele, [João] Prezado?

JP - A entrada do Roberto foi normal, a saída é que não foi normal.

JD - Como é que foi?

JP - Ah, uma politicada aí.

JD - Se a gente tivesse que datar, não teria nenhum nome, suponhamos que tivesse que datar a história.

JP - Uma politicada muito boba, muito, interessante que se deu um episódio, não precisa nem anotar aí, não, se deu um episódio muito grave com minha pessoa aqui dentro. Eu saí, repórter do Diário da Tarde, na página principal, com o retrato de um prédio inteiro, e com umas letras grandonas, embaixo, assinatura de um de 30 (...), sabe por que? Porque na época também eu era líder de, eu e o [Geraldo] Chaia, só que o Chaia não ficou mais não; na hora do pega pra capar, eu sempre lutei no Rio de Janeiro contra esse negócio de reivindicação dos funcionários, e aqui, negócio de aumento, essas coisas, através de anúncio, (...).

JD - Prezado, (...) representando os funcionários no Conselho.

LK - Deliberativo?

JD - Foi, né? O senhor representando os funcionários administrativos, não se lembra?

LK - No C.D.

JP - Bom, mas isso aí eu era, eu era o cabeça, um dos cabeças, na reivindicação. A gente ia pro jornal e tal, e tal, pedia (...), sem atacar ninguém, a nossa situação financeira, que não era muito boa na época. Então tem um jornalista que não topava com minha pessoa, viu, que depois fiquei sabendo, um tal de Chaloub, um libanês. Me meteu o pau naquelas páginas, só que embaixo; depois eu fiquei sabendo, e o Roberto, dessa vez, em vez de me ajudar, sabia que o meu salário, o que tinha eu de combater o professor Amilcar, mas coisas que ele nem sabia também, era coisa, briga deles aí, e ele meteu o pau nele, né.

JD - No Roberto?

JP - Esse, esse jornalista.

LK - Jornalista.

JP - O jornalista, e quem era o chefe do editor, era o (...) que hoje é um dos cabeças d'O Estado de Minas, né? Eu falei com o (...), escuta aqui, como é que você faz uma coisa dessas, manda pra (...) se nós estamos aqui apenas estamos tratando de reivindicação de classe, e o senhor autoriza a fazer uma publicação dele, e o indivíduo que fez aquilo não teve a hombridade de assinar o nome dele, colocou o meu nome, por que? Aí, está, está, está. Então, eu mandei ele se retratar, que eu era (...), o senhor vai publicar o negócio aí, porque eu estou em situação difícil, pô, ficou danado comigo, ele era um dos diretores.

JD – Qual jornal que era?

JP - Era o Diário da Tarde.

JD - Diário da Tarde. Você lembra de que ano?

JP - Isso aí que aconteceu, isso aí foi simples, não teve (...)

JD - Mas foi na gestão do Roberto Milward?

JP - Hein?

JD - Foi na gestão do Roberto Milward, isso?

JP - Foi.

JD - O que que o Roberto Milward disse?

JP - Mas o Roberto ao invés de me ajudar, de vir comigo, ele virou as costas prá mim, ele disse assim prá mim: “Eu não te dei um conselho? Prá você não mexer com isso, não sei o que?”, mas mexer com o que? “Eu estava mexendo com reivindicação, não tem nada a ver com professor Amilcar, isso é briga de alguns desses jornalistas que ganham alguma coisa com ele, não tem nada a ver comigo, que conversa é essa?”, mas, ele em vez de ficar ao meu lado, era muito puxa saco do professor Amilcar, e acabou os dois se arrebentaram, o professor mandou brasa nele, essa eu gostei...

JD - Professor Amilcar?

JP - É. O Roberto, não politicamente, ele se arrebentou com o professor Amilcar, que puxava o saco dele, arrebentou, mesmo.

JD - Mas que briga foi essa?

JP - Tem tanta coisa aí que não é brincadeira, eu gostei, essa eu gostei. Ele também, né? Ele também, isso é coisa de lavar roupa suja mesmo, como aconteceu também com o Rachou. Rachou saiu daqui mordido com o professor Amilcar também.

JD - Vem cá, afinal de contas, o professor Amilcar foi amigo ou foi adversário?

JP - O Roberto Milward não é flor que se cheire, não.

JD - Pois é, sim, todos nós sabemos.

JP - Ele é meu amigo, hoje é meu amigo.

JD - Afinal de contas, o professor Amilcar é ídolo ou é adversário?

JP - Professor Amilcar, no fundo, no fundo professor Amilcar nunca saiu daqui, não.

JD - Como é que foi o negócio da transição entre o René Rachou e o Amilcar?

JP - Ah, foi um, honestamente o Rachou era gente fina, gente... gente que gostava muito de, era muito sincero, muito legal. Aqui não tinha atrito não, ninguém faltava ao serviço, não, agora não fazia bobagem; que ele chamava atenção, naquela brincadeira dele, que ele era brincalhão, mas na hora de falar sério ele, pois bem ele saiu daqui chateado

JD - Ele viajou, não é isso, ...

JP - Chateado...

JD - Ele viajou, quando ele voltou, o Amilcar já tinha sido empossado.

JP - O mesmo que fez, o mesmo que fizeram com [René] Rachou, fez com Roberto, que saiu mais ou menos a mesma coisa, quase a mesma coisa.

JD - Roberto saiu...

JP - Saiu também na cara pálida...

JD - Aí o professor Zigman entrou, não?

JP - Foi. É, teve um outro sim, antes dele.

JD - Foi o Aprígio.

JP - Foi o Aprígio. Mas o ...

LK - Foi o mesmo tipo de movimento do Amilcar Viana.

JD - Sim.

LK - Foi porque o René Rachou viaja, aí tem um algum movimento que parece relacionado a Juscelino, talvez, ...

JD - Depois da guerra dos mineirinhos...

LK - É, uma guerra aí, e aí Marcelo Vasconcelos assume.

JD - Roberto Milward também retorna com os (...) tava com o discurso, duas coisas...

JP - É, isso aí, intrinsecamente,

JD - (...) nível bem aceito.

LK - Intrinsecamente eu não sei bem o assunto que ocorreu com o Rachou e nem com o Roberto. O Roberto foi assim mais amplo, que um certo, minava muita coisa, mas o Rachou foi mais abafado.

JD - Interessante é que em todas as duas coisas embora contraditórias, o professor Amílcar ...

LK - Teve participação.

JD - Teve envolvido.

LK - Pois é, é isso que é impressionante.

JD - E ele participou dessa derrubada de vez, porque todos dois, logo depois, retornaram as pessoas do grupo. Então o professor Amilcar foi sempre o gestor da intervenção...

JP - Ele ficou de mal comigo durante muito tempo, o professor Amilcar. Sabendo que não sou, eu tenho que falar a escrita, eu trabalho, eu tinha conhecimentos de álgebra, algo mais a respeito daquilo, nunca, né?

JD- E o interessante, que a saída do dr. Zigman tem mesmo a conotação de um retorno, o mesmo colorido, ou seja, a retirada das mãos do professor Amilcar (...)

LK - É uma tentativa de...

JD - Resgatar, retomar, e o vínculo por voto direto, a participação de todo mundo, e isso no caso não quer dizer que não conviva com o Dr. Zigman, convive, mas...

LK - Mas é diferente, né?

JD - Convive, mas como uma dificuldade...

JP - Você, quanto tempo você tem aqui?

JD - Desde 73.

JP - O que ocorreu com o Pellegrino também foi um troço que fizeram com ele violento. Você sabe disso?

JD - Não.

JP - Aqui na,

JD - Não, na universidade?

JP - É, não, houve uma safadeza contra o Pellegrino, é cada coisa que....

JD - Mas o que que você tá chamando de safadeza?

JP - Hein?

JD - O que que você achou que foi safadeza?

JP - Ah, usaram até a mulher dele na jogada.

JD - Mas foi isso que desencadeou o suicídio?

JP - Hein?

JD - Foi isso que desencadeou o suicídio ou ele se desencanou aqui da universidade?

JP - Em parte foi o, deixaram o homem doidão, né, um homem que nunca vi um igual a ele. Nem o professor Amilcar não foi tanto como o Pellegrino.

JD - O cara ia pro congresso e não volta, e ia escrevendo os trabalhos ali?

JP - Nossa mãe, o homem era fabuloso, o homem comandava uma porção de gente.

JD - Como é que foi a passagem do Pellegrino pelo Centro, porque Pellegrino morreu em 73, 72?

JP - Eu não sei sinceramente ...

JD - Ou mais tarde, 75, como é que foi a passagem de Pellegrino por aqui?

JP - Ele tinha um laboratório até grande por aqui. Depois achou que tava tão pequeno e foi prá lá, ali prá Santo Antônio, mas, essa questão de transferência, eu mesmo não fiquei sabendo o motivo pelo qual, eu acho que foi por causa do espaço, não sei, sei lá, mas o que ocorreu no final de tudo, o que eu ouvi, pelo amor de Deus, fizeram uma sacanagem.

JD - Não contavam com Pellegrino por (...)

JP - É, que o professor Schreiber trabalhou um bom período com o Pellegrino também.

JD - Quem?

JP - Professor Schreiber.

JD - Schreiber.

JP - O Milward também trabalhou aqui, estatística médica, era junto com o Pellegrino, também, eu sei que o Pellegrino foi um grande pesquisador.

JD - O Prezado e depois do Milward, também foi a mesma coisa do Rachou, não é isso? Ele viajou, saiu aí quando voltou, já tava lá...

JP - É, o Milward viajou prá América Central, São Domingos. Depois voltou, assumiu outra vez e daí prá frente, como é que foi, a sua experiência do Centro de Pesquisas René Rachou?

JP - Depois eu fiquei afastado daqui, né? Três, quatro anos.

JD - Não, depois do Milward, aí você já tinha voltado, (Sobreposição)

JP - Foi um troço, foi um vexame danado. (Risos) É, porque aquilo não é brincadeira, não.

JD - Como assim?

JP - Achincalharam o Roberto, aqui e na universidade, tanta coisa, porque o Roberto, o Roberto é o seguinte: o Roberto gostava das coisas perfeitas. Ele saía do laboratório dele, e todo dia percorria o Instituto. E perguntando: “Tá tudo bem? Tá precisando de alguma coisa? Tá faltando alguma coisa?”, ele ia quase todo dia nos laboratórios, perguntando, olhando quem estava trabalhando e quem não estava, ...

JD - Você acha que isso, ...

JP - Ele era desses caras minuciosos, na gestão dele, quer com o motorista, quer com o pesquisador, quer com o laboratório, ele tava em tudo, tava em todas, e ele não mandava ninguém ver nada: ele é que ia, e ele falava, chamava o indivíduo com muita categoria, muita amabilidade dele e tal, mas chamava o camarada direitinho. Então o Roberto sempre primou pela coisa, pelo senso, ele não deixava prá nada, queria saber de tudo também. Era o homem que estava a par de tudo, desde a portaria até os motoristas, os motoristas ficavam doidos com ele lá, queria saber de tudo. Aí quando eu voltei lá da Engenharia Sanitária, ele me colocou lá prá assumir a direção que tava uma bagunça, na, no ...

JD - No almoxarifado?

JP - No setor de transportes, mas aí eu coloquei o negócio tudo jóia lá, tudo beleza, e veio me dar parabéns, e não sei o que...e tal, ...

JD - Do aeroporto?

JP - Do aeroporto. (Risos)

JD - O Roberto Milward ele é de onde? Ele é mineiro, não?

JP - Ele é carioca, do estado do Rio, ele tem uma irmã que eu tive muitos anos, é a minha vizinha lá em Niterói, que eu tenho 30 anos de Rio de Janeiro.

LK - Você é do Rio?

JP - Eu sou de Belém e me criei no Rio.

LK - De Belém?

JP - Já morei na Praça Paris, eu tenho um apartamento em Icaraí, pretendo voltar prá lá, tou pedindo o apartamento, que assim que sair o Regime [Jurídico] Único¹ eu tou dando no pé.

JD - Pois é, você deixa o endereço do quarto lá, viu?

JP - Mas é isso.

JD - E daí prá frente, você não falou, parou no Milward. Entrou...

JP - Bom, depois que saiu o Roberto, aí fui convocado prá trabalhar lá num setor de pessoal por causa do Oscar [Cansado].

JD - Quem convocou?

JP - O Oscar era um camarada bacana, mas

JD - Cansado.

JP - Cansado, é como você sabe, né os goles dele.

JD - É uma pessoa que trabalhou muito tempo, mas é uma história complicada porque depois que ele me foi apresentado, ele veio dormindo.

¹ Os depoentes se referem à mudança de regime de contratação no serviço público e fundações a partir de 1990 com a implantação do Regime Jurídico Único na gestão de Fernando Collor de Mello como presidente da República. Desta forma, a Fiocruz que era uma fundação e seus trabalhadores regidos pelo sistema de CLT, passaram a ser regidos pelo RJU o que os transformou em servidores públicos federais.

JP - Eu que coloquei, ele não gostou, da minha atitude, mas honestamente eu fui muito bacana. Depois ele, nós voltamos no assunto, ele ficou, não falou comigo, depois nós voltamos às boas, ele achou por bem que o que eu fiz prá ele foi muito bom, eu conheço o Oscar desde 194...

JD - (...)

JP - Eu conheci o Oscar desde 48, e eu também assinei, eu fui em missão de vários serviços, eu já fui de muitos ...

LK - Pelo que eu to vendo de tudo e mais um pouco, mas de qualquer jeito...